

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

TAINÁ FIGUEIRÓ LEMOS

***ÍMPAR* E A REPRESENTAÇÃO DA INCLUSÃO**

BAGÉ

2019

TAINÁ FIGUEIRÓ LEMOS

ÍMPAR E A REPRESENTAÇÃO DA INCLUSÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras – Português e Literaturas de Língua Portuguesa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em Letras.

Orientador(a): Zíla Letícia Goulart
Pereira Rêgo

BAGÉ

2019

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais)

Figueiró Lemos , Tainá. Ímpar e a representação da inclusão/
Tainá Figueiró Lemos .
34 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -- Universidade
Federal do Pampa, LETRAS - PORTUGUES E LITERATURAS DE LÍNGUA
PORTUGUESA, 2019.

"Orientação: Zíla Leticia Pereira Rego".

1. inclusão. 2. literatura. 3. representação da inclusão .
4. Ímpar

TAINÁ FIGUEIRÓ LEMOS

TAINÁ FIGUEIRÓ LEMOS

ÍMPAR E A REPRESENTAÇÃO DA INCLUSÃO

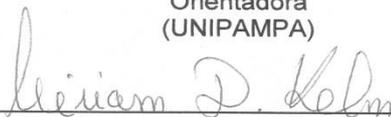
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em Letras.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em 09 de dezembro de 2019.

Banca examinadora:



Profª Drª Zíla Letícia Goulart Pereira Rêgo
Orientadora
(UNIPAMPA)



Profª Drª Miriam Denise Kelm
(UNIPAMPA)



Profª Drª Claudete da Silva Lima Martins
(UNIPAMPA)

Dedico este trabalho a meu pai e ao meu irmão Antônio Marcos, que estão no céu e que estiveram junto comigo de uma maneira ou outra. Dedico também a minha mãe guerreira que, apesar de ter perdido filho e marido, me ajuda até hoje e junta coragem e força para continuar, não sei de onde. Dedico a minha amiga Gabriely, que me aguentou durante o curso, aguentou meus choros, dificuldades e desabafos. Dedico também a Nicole que me ajudou muito e também é uma excelente amiga.

Desistir é a saída dos fracos, insistir é a saída dos fortes.

(Padre Alessandro Campos)

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso tem como objetivo analisar a representação da inclusão na obra *Ímpar*, de Marcelo Carneiro da Cunha. Para tal, utilizo autores como Candido (2006), que trata do papel da literatura, Culler (1990) e Reis (1996), que falam da representação da realidade na literatura, Werneck (2007), que analisa o tema inclusão e como ele aparece em obras literárias, além de Gancho (2006), que sugere uma estrutura narrativa a ser observada..Esta é uma pesquisa bibliográfica em que começo fazendo um levantamento de algumas obras de literatura infanto-juvenil que tratam do tema inclusão. Analiso, então, a estrutura narrativa de *Ímpar* e identifico como a inclusão aparece em diferentes aspectos da obra literária. As conclusões a que cheguei mostram que a inclusão está representada primeiramente pelo tema central da obra e, também pelo próprio protagonista ser deficiente, fazendo com que a narrativa gire em torno dele. Além disso, há também a turma ímpar em que acabamos encontrando os diversos tipos de deficiências, e a cobrança por adaptações para que eles possam se locomover sem problemas e com os direitos respeitados. Além disso, as ilustrações encontradas na obra já trazem a ideia de inclusão e de diversidade no seu projeto gráfico. Há também a representação da superação do protagonista durante a obra e a aceitação da família da sua condição. Finalmente, ao analisar como a inclusão aparece em *Ímpar*, destaco que o que é representado na obra se relaciona com a realidade dos deficientes e se aproxima muito deles, podendo esclarecer à sociedade sobre o tema.

Palavras – Chaves: *Ímpar*. Literatura infantil e juvenil. Inclusão

RESUMEN

Este trabajo de conclusión del curso tiene como objetivo analizar la representación de la inclusión en el libro *Ímpar*, de Marcelo Carneiro da Cunha. Para esto, utilizo autores como Candido (2006), que se ocupa del papel de la literatura, Culler (1990) y Reis (1996), que hablan sobre la representación de la realidad en la literatura, Werneck (2007), que analiza el tema de inclusión y cómo aparece en obras literarias, además de Gancho (2006), que sugiere una estructura narrativa a observar. Esta es una investigación bibliográfica en la que empiezo haciendo una encuesta de algunas obras de literatura infantil y juvenil que tratan el tema de la inclusión. Luego analizo la estructura narrativa de *Ímpar* e identifico cómo aparece la inclusión en diferentes aspectos de la obra literaria. Las conclusiones que he sacado muestran que la inclusión está representada principalmente por el tema central de la obra, y también por la deficiencia del propio protagonista, lo que hace que la narrativa gire en torno a ella. Además, también existe una clase única en la que encontramos los diversos tipos de discapacidades y el cobro por adaptaciones para que puedan moverse sin problemas y con los derechos respetados. Además, las ilustraciones encontradas en la obra ya traen la idea de inclusión y diversidad en su diseño gráfico. También existe la representación de la superación del protagonista durante el trabajo y la aceptación de su condición por parte de la familia. Finalmente, al analizar cómo aparece la inclusión, destaco que lo que está representado en la obra está relacionado con la realidad de los discapacitados y muy cerca de ellos, y puede aclarar a la sociedad sobre el tema.

Palabras Claves: *Ímpar*. Literatura infantil y juvenil. Inclusión

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO -----	11
2. Algumas teorias (especulações) sobre literatura e inclusão -----	13
2.1 Papel social da literatura -----	13
2.2 Representação da realidade na literatura -----	14
2.3 Inclusão -----	17
2.4 Representação da inclusão na literatura -----	22
3.ÍMPAR E A REPRESENTAÇÃO DA INCLUSÃO -----	25
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS -----	33
Referências -----	37

1 INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem como título “*Ímpar e a representação da inclusão*” e pretende analisar a representação da inclusão presente na obra *Ímpar*, de Marcelo Carneiro da Cunha, fazendo uma relação com a real inclusão dos jovens no ambiente social e escolar.

O interesse por esse tema veio do meio social em que eu, a pesquisadora, estou desde muito tempo rodeado por essa busca pela inclusão, pelo aceitamento de suas deficiências e voltar ao convívio como uma pessoa “normal”, e que as pessoas com deficiência não se sintam excluídas, pois elas são normais, tem capacidade de muito fazer nesse mundo.

Segundo Emanuel Guerreiro “o texto literário é a construção da realidade (...) uma realidade fictícia” então, um texto literário representa uma realidade que está no texto e o que um autor faz pode cruzar-se com a realidade fora do texto, o leitor. De certa forma, para o leitor pode representar sua realidade, a leitura de um texto pode ser plural, pode ter várias representações do real em um mundo ficcional literário. Na literatura, um autor leva um determinado contexto, insere sua interpretação de determinado assunto e faz sua interpretação no que ele se propõe a escrever e representar na escrita. O leitor tem sua interpretação e constrói um sentido novo aquele assunto tratado e traz para o seu mundo tornando aquilo que é representado real para ela.

Na obra infanto-juvenil *Ímpar* de Marcelo Carneiro da Cunha há uma representação de inclusão, de superação. No prefácio o autor diz que através de uma conversa com um garoto onde ele conta sua vivência depois de um acidente de carro que surgiu “*Ímpar*”. O autor leva o contexto que o garoto relatava e transformou sua interpretação sobre o assunto para escrita de *Ímpar*. A representação da inclusão vem junto com a superação e fazer por si só as coisas mesmo com a dificuldade que os meninos têm. A representação da inclusão descrita ficticiamente pode tornar-se real à pessoa a quem lê, eu como leitora me identifiquei com a cena em que Zóli volta à escola depois do acidente, pois eu me lembro do primeiro dia que conheci minhas duas amigas que tem deficiência, vejo na Bibiana a minha amiga com problemas motores, a descrição dela é muito semelhante a ela e a outra que usava cadeira de rodas e lembro-me de nos duas brigando para ver quem ia levar a cadeira de rodas para nós irmos lanchar ou ir para recreio, ou quando pegávamos ônibus e a dificuldade que era subir de muletas e olhar dos outros. O leitor se

identifica e vai colocando sentidos e interpretação tornando aquela representação tão real para ela.

Este trabalho está estruturado da seguinte maneira: no capítulo teórico, o capítulo 2, discuto o papel social da literatura, utilizando o autor Candido para essa reflexão, além de Culler que fala sobre a representação da realidade na literatura e o que é literatura, como a mesma foi se transformando ao decorrer do tempo. Outro autor a embasar o trabalho é Reis que retoma a representação na literatura e que a possibilidade de reconhecimento da realidade pelo leitor na obra. A seguir, trago a discussão sobre inclusão na literatura e utilizo as reflexões de Werneck que fala que a literatura pode ser uma fonte de informação, uma vez que a inclusão representada nela pode ser importante para que o leitor a reconheça e reflita sobre as diversas deficiências que existem. Aqui, também trago a representação da inclusão na literatura infantil e juvenil trazendo outras obras que abordam o tema, bem como que tipos de deficiências são abordados nas mesmas.

No capítulo 3, analiso como se dá a representação da inclusão na obra *Ímpar* e como a obra se aproxima do leitor por representar uma situação que se assemelha a realidade. E por fim, nas considerações finais trago os resultados obtidos nesse trabalho.

2. CAPITULO TEÓRICO

2.1 PAPEL SOCIAL DA LITERATURA

Antonio Candido em seu livro *Literatura e sociedade* no capítulo intitulado *Literatura e Vida Social* analisa a ligação entre a obra e o ambiente social, para ele a literatura é um produto social influenciada por um conjunto de fatores sociais. O autor aborda qual a influência do meio social sobre a obra literária e vice-versa, em que medida uma obra corresponde a realidade, verifica também o conteúdo social presentes nas obras literárias. Na obra *Ímpar* que é nosso objeto de análise há uma relação com o ambiente social fora da narrativa ficcional, começando pelo escritor que para surgir a obra *Ímpar* ele havia escutado um garoto que passou por um acidente de carro e narra o que ocorreu depois da tragédia. O autor do livro se baseou em fatos reais, sociais, talvez pelo fato do que o rodeava. De certa forma tivera contato com portadores de deficiência e sentiu necessidade de falar sobre isso, pois na época da escrita do livro pouco se falava sobre o assunto inclusão.

Em um trecho o autor fala sobre o efeito que a obra literária acaba tendo sobre o leitor, a influência da obra literária no meio social:

A obra literária depende da ação de fatores do meio, que se exprimem na obra em graus diversos de sublimação; e produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando sua conduta e concepção do mundo, reforçando neles o sentido de valores sociais. (CANDIDO, 2006, p.29)

Quem lê *Ímpar*, por exemplo, vai de alguma maneira se identificar com o texto, o fará refletir sobre o assunto, a olhar com outros olhos as pessoas com deficiência, aquele tema ou assunto não será mais desconhecido. As pessoas com alguma deficiência também podem se valer desse tema, pois está mais próximo do indivíduo, na leitura vão ser verificadas as dificuldades do menino Zóli e sua turma, pode influenciar as pessoas com necessidades especiais a se superarem, a verem que não são únicos do mundo, que podem fazer coisas que os “Pares” fazem. Com certeza terá grande influência da obra na sociedade e terá um efeito prático como Candido fala no trecho acima.

A literatura depende do meio social em que um determinado autor está inserido e assim atribui um papel ao criador da arte, o artista depende da sociedade. Antonio Candido diz que “a tarefa é investigar as influências concretas exercidas pelos fatores sócio-culturais. (...) Pode-se dizer que os mais decisivos se ligam à estrutura social, os valores e ideologias, as técnicas de comunicação” (CANDIDO, 2006, p.30). Um exemplo disso é o prefácio da obra *Ímpar* onde o autor conta como surgiu a referida obra. Houve uma influência social com o relato do garoto que teve um acidente de carro. O surgimento da obra, o desejo de fazer algo sobre o tema inclusão dependeu do meio social em que o autor estava na época, pouco se falava sobre o assunto, e uma simples conversa desperta o desejo de escrever sobre, assim o autor depende da sociedade em grande parte para construir sua obra.

O autor também fala da arte da agregação e a arte da segregação, a primeira se liga com *Ímpar*, pois como fala o autor que a arte da agregação “Se inspira principalmente na experiência coletiva e visa a meios comunicativos mais acessíveis” (CANDIDO, 2006, p.32). A obra *Ímpar* agrega a si o seu leitor, a leitura torna-se mais próxima do leitor. A obra foi inspirada em uma conversa, em uma experiência de vida contada ao autor, o meio social se agrega à obra e expressa de certa forma de determinada sociedade, no caso da nossa obra, pessoas portadoras de deficiência e suas vivências e atitudes diante de suas limitações.

2.2 REPRESENTAÇÃO DA REALIDADE NA LITERATURA

Uma questão de grande relevância é: o que seria literatura? Culler (1999) traz a resposta a essa pergunta explicando que há muitos anos diversos autores discutiram e ainda discutem sobre o que é literatura, pois o que era considerado literatura antigamente hoje já não é mais, as épocas foram mudando e a literatura também, tomando outros valores e modelos, por isso é tão difícil saber o que é ou não literatura.

Culler (1999) fala que há características atribuídas à literatura e que aparecem em outros tipos de manifestações. Um exemplo dado pelo autor é a discussão sobre a natureza da compreensão histórica, como os historiadores fazem essa explicação histórica de um acontecimento, o exemplo que foi dado é da Segunda Guerra Mundial. O autor diz que:

O modelo dado para a explicação teórica é, desse modo, a lógica das histórias: a maneira como a história mostra como algo veio a acontecer, ligando a situação inicial, o desenvolvimento e o resultado de um modo que faz sentido. (CULLER, 1999, p.27)

O mesmo modelo que faz sentido e que conta como uma história ocorreu caracteriza tanto uma narrativa literária quanto as narrativas históricas, então a distinção do que é ou não literário fica cada vez mais difícil. Obras não-literárias tem muito em comum com as obras literárias. Uma das razões para que haja dificuldades de distinguir o que é ou não literatura é que existem obras literárias em diferentes formatos e tamanhos. A obra *Ímpar*, que é nosso objeto de análise, tem um formato que se assemelha às histórias em quadrinhos. Há obras literárias renomadas que vão tomando outras formas e modelos e assim não quer dizer que elas deixaram de ser literatura.

Outra razão é que o termo “literatura” é relativamente recente, segundo o autor, a partir de 1800 que se começou a falar do conceito de literatura. Inicialmente a literatura era vista como “textos escritos” e os tipos de leitores eram outros. Quem tinha acesso à literatura eram as pessoas com mais poder econômico e talvez essa seja uma das razões de certos tipos de textos demorem a serem reconhecidos como literatura.

O mesmo autor fala também de que o que leva certos textos literários a serem reconhecidos como tais é o contexto. Diz ele: “O que leva os leitores a tratar algo como literatura é que eles a encontram num contexto que a identifica como literatura: num livro de poemas ou numa seção de uma revista, biblioteca ou livraria”. (CULLER, 1999, p.34) As obras literárias foram feitas para que se aproximassem dos seus leitores e assim essa literatura ganharia mais valor.

Culler traz também cinco aspectos da literatura: a literatura como a colocação em primeiro plano da linguagem (CULLER, 1999, p. 35), que trata da linguagem e sua organização, o que diferencia a literatura de uma linguagem que é usada para outros fins. Quando um texto é literário a atenção se volta para a organização linguística e a sonoridade, no caso, do poema que o autor cita. O segundo é a literatura como integração da linguagem (CULLER, 1999, p.36) trata dos diversos elementos que compõem um texto e que são relevantes na literatura, há uma relação na linguagem entre os componentes de

um texto, assim forma e sentido transformam-se em um todo e, juntos, tecem uma definição de literatura.

O terceiro é a literatura como ficção (CULLER, 1999, p.37) que trata da literatura com relação ao mundo, a literatura projeta um mundo ficcional, mas a ficcionalidade da literatura é separada do contexto externo. No universo da ficção tudo pode ser criado, como personagens, linguagem, mesmo que o personagem exista na realidade, ele se tornará fictício em uma obra literária. Em uma obra, tudo pode ser criado ao ponto de termos grandes diferenças, como, por exemplo, o autor e o seu narrador como Culler cita, o autor é um homem velho, mas seu narrador é um homem novo, ou um autor homem e uma narradora mulher. No mundo ficcional tudo se cria, mesmo que se relacione com a realidade, ainda assim é uma realidade fictícia proposta na literatura.

O quarto é a Literatura como objeto estético (CULLER, 1999, p.39) e trata do estético na literatura, pois ela também é um objeto estético pelo fato de os leitores atentarem-se para a forma e conteúdo de uma obra literária. A literatura torna-se um objeto estético pelos elementos que a compõem: a linguagem e todos os sentidos que ela tem, o conteúdo empregado em uma obra, tudo isso faz com que a literatura seja um objeto estético. Finalmente, a quinta característica é a literatura como construção intertextual ou auto-reflexiva (CULLER, 1999, p.40), uma vez que as obras são feitas a partir de outras. Uma obra pode existir em meio a outras e elas podem dar sentidos umas às outras.

Uma questão que interessa neste trabalho é discutir como a literatura representa a realidade. Na obra *Dicionário de narratologia* são explicitadas as formas como a ficcionalidade é transmitida e como um texto literário é identificado como um texto ficcional. No referido texto, os autores (REIS e LOPES, 1996) trazem uma reflexão de que a ficcionalidade pode ser concebida em termos de intencionalidade, ou seja, vem do autor transmitir um conteúdo ficcional em um texto literário para o leitor, mesmo que em um texto literário possam ser usados elementos de realidade. O autor organiza determinada obra ficcional e o leitor recebe e o interpreta como sendo real; o autor apenas aproxima o texto ficcional do mundo real em que determinado leitor está inserido e é este que torna o texto legítimo, mais próximo de si, assim estabelecendo conexões com o mundo real.

Trago como exemplo o texto literário que será analisado adiante, quando as crianças com necessidades especiais vão ao cinema e são barradas por não ter a

acessibilidade necessária para a amiga cadeirante. Bibiana fala da lei para os deficientes, fala dos direitos que eles tem para que a menina pudesse entrar. Há outros momentos na obra cujas situações se aproximam da realidade e o leitoras reconhece, logo são pedaços do mundo real que o autor organiza no texto e que transmite ao leitor. Mas mesmo assim o texto não deixa de ser ficcional, tendo apenas uma intenção de representar um mundo real.

REIS e LOPES (1996) também dizem que nas narrativas ficcionais há a utilização de entidades históricas no contexto da ficção, como por exemplo, a utilização de pessoas importantes, desse modo a narrativa dialoga com o mundo real, mas o texto não deixa de ser ficcional. O autor pega e organiza elementos em seu texto ficcional, inserindo um possível mundo que se relaciona com o mundo real e com o contexto social em que determinado leitor está inserido.

2.3 INCLUSÃO

Como a literatura pode ajudar a transmitir ideais da inclusão nas crianças e jovens? Werneck (2007) diz que as crianças tem curiosidade, querem saber do que não entendem, das diferenças que existem. A literatura é um caminho para esse entendimento, forma de levar informação desde cedo sobre as deficiências, pois sem informação não podem lidar com as diversidades que encontrarem. Abordar a inclusão na literatura infanto-juvenil é levar a informação necessária sobre ela, dentro de uma obra literária tanto crianças como adolescentes podem ter informações, principalmente crianças que estão em idade de formação. Confessor fala em determinado momento em seu artigo:

“levar o aluno a ter contato com literatura que abordem temas de inclusão, poderá contribuir significativamente para que o leitor reconheça nos portadores de necessidades especiais seu verdadeiro valor e sua singularidade apesar das limitações que possui.” (WERNECK, 2007, pág.7)

Através da leitura o leitor vai identificar e reconhecer as diferentes deficiências que existem e também descobrir como é a vida dessas pessoas, que elas tem capacidades e que apenas precisam de condições especiais para fazer determinadas coisas. Isso também permite que essas pessoas sejam respeitadas, de modo que através da literatura

possamos formar pessoas com uma cultura de tolerância e respeito às diferenças desde pequenos.

A inclusão é um tema novo que desde 1995 vem sendo comentado, refletido. A sociedade começou a pensar “como incluir?” Como as pessoas com deficiência poderiam ser incluídas na sociedade? Começou a ser pensado com mais atenção naquelas pessoas que ficavam trancafiadas em casa por não ter como se locomover, trabalhar ou estudar. Leis foram instituídas, caminhos árduos para uma real inclusão foram sendo feitas, mas o que é realmente incluir? Werneck (2007) dá algumas ideias do que seja incluir, uma delas é que seja garantida a convivência entre pessoas deficientes e não deficientes. A autora também fala que se deve levar o tema inclusão para a escola, não só nos currículos, mas na prática, levar discussões sobre as diferenças aos alunos, assim dando um perfil mais ético às escolas no Brasil.

Incluir também é conscientizar a família, pois as crianças têm direito a ter informações corretas no ambiente familiar sobre as diferenças. O ambiente familiar é importante para a formação de adultos que aceitem as diferenças, tenham respeito e que saibam que as diferenças não são anormalidades, que existem apenas pessoas com algumas dificuldades e que os mesmos podem socializar e ter de certa forma uma vida normal.

Chegamos então às mídias e também à literatura, pois para a autora mídia e literatura são fontes de informação e então andam juntas. Elas são aliadas da inclusão e são fontes de informações que precisam ser investigadas e refletidas. Levar informações corretas sobre as deficiências na literatura, trazer em uma obra literária a real inclusão, não reforçando os estereótipos da deficiência como acontece em alguns livros para crianças e jovens que criam situações que fazem com que a deficiência seja associada à humilhação e à maldade como Werneck (2007) cita, por exemplo, *Dumbo* que suas orelhas deixaram de ser vistas como anormalidades depois que as orelhas o fizeram voar, e tantos outros que são diferentes e/ou deficientes que só conseguem ser felizes quando ficam “normais”, como *A bela e a fera*.

Werneck escreveu diversos livros com o tema inclusão, como *Meu amigo Down* e *Muito prazer, eu existo*, que são seus livros mais famosos. São livros que não tem vítima e nem herói, não reforçam os estereótipos, a autora se preocupou em fazer uma literatura inclusiva desse modo. Tanto os livros de Claudia Werneck como *Ímpar* de Marcelo Carneiro da Cunha trazem uma realidade, mesmo que fictícia, a representação de uma

realidade que ajudará a trazer informações sobre as deficiências existentes, a ver as deficiências com mais naturalidade. Às vezes a falta de informação leva à discriminação e à aversão ao diferente e isso se reflete no decorrer do seu crescimento, na sua formação. A autora fala também que é importante uma aliança entre família, escola e mídia, no caso, cultura (inserindo aqui também a literatura) que “seria um alicerce da construção de sociedade inclusiva”. (WERNECK, 2007, p 24).

Representar a inclusão na literatura é um caminho para tornar as crianças e jovens mais perceptíveis às diversidades existentes, assim trazendo formas diferentes de viver das ditas “normais”. É uma forma de não ver a diferença como inferioridade e que as necessidades especiais dessas pessoas não os fazem incapazes de pensar, agir, se locomover, só precisam de condições especiais para fazê-lo. A autora fala em determinado momento que “Informação não é entretenimento, deve instigar o público e denotar reflexões capazes até de romper com paradigmas estabelecidos”. (WERNECK, 2007, p. 24). A literatura pode ser entretenimento, informação, ensinar mesmo não tendo obrigação para isso. Ela pode ter múltiplas faces de entendimento dependendo do seu leitor, logo a literatura também pode auxiliar e muito nessa quebra de paradigmas, fazendo com que seja fonte de reflexão tanto na escola quanto no ambiente familiar.

Ainda segundo Werneck, a busca por uma escola que atendesse a todos só foi documentada pela primeira vez no México, em 1979, quando um grupo de países, com iniciativa da UNESCO, assinou o Projeto Principal de Educação. Outros se sucederam, mas o mais famoso documento que trouxe o termo *inclusão* para a educação foi a Declaração de Salamanca, assinada em 1994.

A Declaração de Salamanca veio para garantir que a inclusão fosse realmente integrada ao sistema educacional e assim a educação realmente seria para todos. Na obra *A declaração de Salamanca hoje: Vozes da pátria (2013)* há depoimentos de pessoas que de alguma maneira são ligadas com a inclusão e/ou tem alguma deficiência. Vejo nos depoimentos que hoje em dia as leis existem, mas na prática, principalmente nas escolas, a inclusão ainda não é feita na sua totalidade. Nos depoimentos que li na obra anteriormente citada, verifiquei que os decretos e leis na prática ainda necessitam ser melhor aplicados, pois ainda há crianças que são discriminadas nas escolas pelos professores, são deixadas de lado. Há uma desinformação sobre as leis, muitos não sabem que é obrigatório que crianças com qualquer que seja a deficiência estejam na escola regular. A dificuldade é fazer essa adaptação escolar para que esse aluno possa estudar, o que me leva a concluir que a escola não está ainda preparada para receber

esses alunos. Até hoje se tenta incluir essas pessoas em aula regular, pelo menos a intenção era incluir, mudando os currículos educacionais, dando aporte a esses alunos com dificuldades, adaptando conteúdo, o local de estudos, entre outros.

A obra *Inclusão: um guia para educadores (2013)* traz um breve histórico da inclusão no mundo, com destaque para a situação da inclusão nos Estados Unidos. Benjamin Rush, um médico do final da década de 1700, foi um dos primeiros norte-americanos a introduzir o conceito da educação de pessoas com deficiência, mas só em 1817 Thomas Gallaudet estabeleceu em *Connecticut*, no *American Asylum for the Education and Instruction of the deaf and Dumb* (Asilo Norte-Americano para a educação dos cegos), um dos primeiros programas especiais de educação e após outros se sucederam como o *Asylum for the Education of the Blind* (Asilo para a Educação dos Cegos) de *New England*, que foi fundado em 1829 Outros se sucederam, como a *Experimental School for Teaching e Training Idiocy Children* (Escola Experimental para o Ensino e Treinamento de pessoas Idiotas) foi fundada em 1846, em *Barre, Massachussets*. As intuições para pessoas com deficiência continuaram a crescer no final do século XIX até a década de 1950, mas na mesma época uma tendência se desenvolvia: a criação de “escolas comuns” públicas, onde a maioria das crianças eram educadas.

Também muitas delas eram excluídas, como os afro-americanos, os nativos americanos e também os alunos com deficiência. Alunos cegos, surdos, com deficiência física e os alunos com déficits importantes de desenvolvimento não tinham nenhum tipo de serviço educacional, os alunos que usavam cadeiras de rodas ou não tivessem controle de suas funções fisiológicas ou consideradas não educáveis eram excluídas devido aos problemas que o ensino dos mesmos iria envolver.

A inclusão ganhou força no país em 1990, nessa época surgiu uma organização internacional (*Schools Are for Everyone – As escolas são para todos*), com milhares de membros por todos os Estados Unidos e outros países, com o objetivo de promover a inclusão. A partir daí começou-se a pensar melhor nessas pessoas com necessidades especiais e sua integração e inclusão em sala de aula regular e em outros âmbitos de convivência.

Segundo o site *Inclusão já!* No Brasil temos uma Política Nacional de Educação Especial que foi elaborada em 1993 com o objetivo de garantir o atendimento educacional aos alunos com necessidades especiais. Leis foram sendo feitas para dar aporte a essas

peças, como a Lei de Diretrizes e Bases de 1996, tantas outras foram instauradas, a mais recente 13.146 de 06 de julho de 2015 que veio para promover os amplos direitos dos deficientes visando a inclusão nos diferentes âmbitos sociais e escolares.

Segundo o site Governo do Brasil e G1 pessoas hoje com alguma deficiência somam 24% da população no Brasil, por isso, o Ministério da Educação promoveu a Semana de Mobilização para Inclusão de Pessoas com Deficiência no Mercado de Trabalho. Segundo os dados da Relação Anual de Informações Sociais (Rais) 2015, divulgada pelo Ministério do Trabalho, 403,2 mil pessoas com deficiência atuam formalmente no mercado de trabalho, correspondendo a um percentual de 0,84% do total dos vínculos empregatícios. Já a Lei Federal nº 8.213/91 está completando 25 anos e foi criada para garantir às pessoas com deficiência que sejam beneficiárias do Programa de Reabilitação Profissional pelo Instituto Nacional de Seguro Social (INSS) a fim de terem a possibilidade de exercerem alguma atividade profissional. Para que as leis sejam cumpridas estão ocorrendo fiscalizações para verificar se realmente pessoas com deficiência estão sendo inseridas no ambiente de trabalho.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento que tem como intenção ser um “guia” para as instituições de ensino e assim ser seguido e cumprido para que haja uma educação de qualidade para todos. No referido documento, fala-se sobre inclusão na escola e da necessidade de adaptar conteúdo, garantindo o acesso do aluno especial à educação. Nesse trecho há algumas colocações sobre a inclusão na escola:

A Educação Especial na perspectiva inclusiva contempla a identificação e a eliminação das barreiras, principalmente as de acesso aos conhecimentos, deslocando o foco da condição de deficiência de estudantes para a organização e promoção de acessibilidade aos ambientes escolares (arquitetônica) e à comunicação (oral, escrita, sinalizada, digital), em todos os níveis, etapas e modalidades, visando a autonomia e a independência dos educandos. A educação especial integra a educação regular, devendo ser prevista no Projeto Político Pedagógico para a garantia da oferta do AEE aos educandos com deficiência, com transtornos globais do desenvolvimento, com altas habilidades/ superdotação [...]. (MEC, 2016, p. 36)

Nesse trecho do documento o enfoque é a identificação e eliminação de barreiras assim fazendo com que esses alunos tenham acesso ao conhecimento, focando na organização e na acessibilidade à escola e aos ambientes que possui. Além disso, enfatiza o papel da comunicação com o objetivo de dar autonomia a essas pessoas com

deficiência. As escolas devem identificar as barreiras que existem, tanto arquitetônicas como de comunicação, para que os alunos tenham participação efetiva nas aulas.

A real inclusão está sendo feita, mas ainda há dificuldades, principalmente na educação, seja pela falta de recursos para que um aluno com deficiência seja incluído em escola regular. Mudanças ocorreram, mas ainda há o que fazer quanto a isso, posteriormente saberemos se a real inclusão está sendo feita pelos depoimentos de pessoas com deficiência.

2.4 REPRESENTAÇÃO DA INCLUSÃO NA LITERATURA INFANTIL E JUVENIL

Hoje em dia existem algumas obras que contemplam o tema inclusão e onde existem personagens com algum tipo de deficiência e que são destinadas ao público infanto-juvenil e isso se deve a visibilidade que as pessoas com necessidades especiais tem nos últimos anos, passou-se a pensar mais nessas pessoas, apesar deles existirem; há alguns anos pouco se falava e hoje em dia há a necessidade de levar o assunto inclusão, não só os assuntos mas as adaptações para literatura infanto-juvenil. Podemos dividir em dois grupos: as que têm personagens portadores de deficiência e as que, além disso, trazem tradução para este tipo de leitor, em especial, os surdos. Logo, há uma dupla inclusão, neste caso: do tema e do leitor.

No primeiro grupo, cito algumas, como: *Rodrigo Enxerga Tudo*, de Markiano Charan Filho, que fala de um menino, Rodrigo, que não enxerga desde bebê. Mesmo com as dificuldades é uma criança igual às outras, cresceu empinando pipa e brincando de carrinho de rolimã. Entra em uma nova escola e faz amizade com outro garoto chamado André, o amigo foi o primeiro a perceber que ele também poderia ver as coisas do mundo, mas de formas diferentes.

A obra *As cores no mundo de Lucia* de Jorge Fernando dos Santos conta a história de uma menina muito inteligente e que adora brincar, mas ela tem deficiência visual e descobre uma maneira divertida de perceber as cores que estão a sua volta, usando como ninguém a audição, o olfato, o paladar e o tato. Há também a obra *A Fábrica Mágica* de Maria Cristina Furtado, com ilustrações de Cláudio Martins. Segundo o site da *Editora Travessa* a história é de uma fábrica que faz brinquedos com magia, mas um dia, um acidente aconteceu na fábrica e a mágica parece ter dado errado. Os brinquedos ficaram com algumas deficiências, mas não quer dizer que eles não possam ser mágicos. O livro traz de maneira divertida a diversidade.

Outro título é *Flor de Maio*, também de Maria Cristina Furtado, com ilustrações de Elma. Segundo o mesmo site, a obra fala sobre uma pequena borboleta que está muito infeliz, pois nasceu com um pedaço a menos em uma de suas asas e, por isso, não consegue voar. Com a ajuda de uma formiga e outros animais vai trazer o ânimo e alegria de volta, mesmo ela sendo “diferente”.

Na obra *Conquista esporte clube*, de Telma Guimarães Castro Andrade, a história é de Davi, um menino que nasceu com um problema que poderia tê-lo condenado a viver para sempre sem poder fazer as mesmas coisas que as outras crianças, mas que, com a ajuda de sua família e dos amigos "diferentes" que fez na escola, aprende a superar muitos dos obstáculos enfrentados pelo deficiente físico. Assim foi criado na escola um clube só com meninos que geralmente eram excluídos.

Já no segundo grupo, o de obras que tematizam e também incluem o leitor por trazerem uma adaptação da linguagem, posso destacar obras como *Cinderela Surda* de Carolina Hessel; traz a tradicional história de cinderela, mas introduz também a questão da deficiência auditiva. Na obra o príncipe e a Cinderela são surdos e o que ela perde não é um sapatinho de cristal e, sim, uma luva. A obra contém na página da esquerda uma adaptação para os surdos, a história é traduzida para LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais)

Há também *Rapunzel Surda*, da mesma Carolina Hessel, que conta a história de Rapunzel. A menina é raptada pela bruxa, e esta percebeu que a menina não falava, mas tinha uma grande atenção visual. Rapunzel começou a apontar para o que queria e fazer gestos para muitas coisas. A bruxa então descobriu que a menina era surda e começou a usar alguns gestos com ela. Logo, trata-se de a história de Rapunzel contada de maneira diferente, no âmbito da deficiência auditiva, assim como em *Cinderela Surda*, há a tradução para Libras.

Finalmente, destaco *O patinho surdo*, de Fabiano Rosa e Lodenir Karnopp com ilustrações de Maristela Alano. É a história de um patinho surdo que nasceu em um ninho de patinhos ouvintes porque sua mãe surda acaba botando um ovo naquele lugar. Durante a história, a mãe surda faz gestos com as mãos entre eles seus filhos também surdos; já na família ouvinte, a mãe não entendia os gestos que o filho surdo fazia, por isso, para o patinho aquele era um lugar diferente, uma família estranha.

Na obra, os personagens surdos usam a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e, ao final do livro, há um glossário com alguns gestos utilizados durante a história e seus significados.

Já a obra *Daniel no mundo do silêncio*, de Walcyr Carrasco, segundo o site da editora, esse livro conta a história de Daniel, um menino que perdeu a audição aos 7 anos. Para se comunicar utiliza a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), mas na escola acaba sofrendo *bullying*, por isso, os colegas ouvintes não entendiam os gestos que ele fazia e é a partir daí que a obra se desenrola e Daniel vai passando pelos obstáculos para ser aceito na nova escola.

As histórias em quadrinhos também contemplam o tema inclusão, como a *Turma da Mônica* de Mauricio de Souza. Cito *Dorinha, a nova amiguinha*, em que há uma menina que é cega e tem um cão guia que, de maneira divertida, trazem essa deficiência. Há também *Um menino sobre rodas* que traz o personagem Luca, um cadeirante. Magali e Monica tentam descobrir quem é novo vizinho e o que ele faz. Na primeira vez que vêem Luca na cadeira falam que ele é um Extra Terrestre, mas Luca diz que não é um ET, que só não pode andar. Há outros personagens como Tati, que é portadora de síndrome de down, e também o menino André que é Autista. No HQ, Cebolinha e Mônica explicam o que é o autismo e como é o comportamento dessas crianças.

De tudo que foi visto, vemos que os tipos de deficiência que são mais encontrados nas obras foram: a visual e a auditiva. Outros também apareceram, como falta de algum membro ou deficiência física, mas a mais encontrada foi auditiva, o que mostra que a literatura ainda pode ampliar essa representação.

3. ÍMPAR E A REPRESENTAÇÃO DA INCLUSÃO

A obra *Ímpar* foi escrita por Marcelo Carneiro da Cunha, que nasceu em Porto Alegre em 1957, viveu em São Francisco de Paula e Caxias do Sul, voltando a residir em Porto Alegre durante os estudos universitários. Está vivendo em São Paulo atualmente. Formou-se em Jornalismo e publicou seu primeiro livro, *Noites do Bonfim*, em 1987.

Na imprensa, é colunista do Terra Magazine e Mpost. Como escritor, já tem 16 livros publicados, dois curtas-metragens e dois longas-metragens produzidos a partir de argumentos originais ou livros seus, tendo recebido prêmios da Associação Paulista de Críticos de Artes, da União dos Escritores do Brasil e da Fundação Nacional do Livro Infanto-juvenil, entre outros. Escreveu o roteiro do filme *Batalha naval* e o argumento de *O branco* - premiado nos festivais de cinema de Berlim, Rio de Janeiro, Biarritz e outros. Em 2000, foi escritor-residente da Fundação Ledig House, de Nova York.

Na obra, inicialmente há uma apresentação onde o autor explica como surgiu *Ímpar* e o que o motivou para que a mesma fosse escrita. O autor conta em sua apresentação que conheceu um garoto e o mesmo contou sua história quando sofreu um acidente, como foi depois e o autor também fala que se sentiu parecido com o garoto. O relato fez com que o autor se sentisse de algum jeito próximo daquela realidade contada, pois para o autor somos todos diferentes entre si, como o autor diz: “Todos nós achamos que tem uma coisinha faltando na gente ou pra gente” (CUNHA, 2004, p.8), de certa forma todos somos ímpares.

No capítulo 1, Zóli já está com sua turma, defende que todos somos diferentes e que isso é legal. Ele diz: “Mas diferente não é ruim, e foi isso que eu aprendi. Diferente pode ser muito legal. Pode ser *Ímpar!*” (CUNHA, 2004, p. 9). Ele ainda anuncia que vai contar uma história ao leitor, a sua história, e que ela não é bonitinha como contos de fadas. A seguir, conta sobre seu trágico acidente e o que ocorreu nesse dia, primeiro ele fala do barulho do carro, da mãe dele gritando o nome dele, nesse momento ele conta como se chama, seu nome é José Luiz, mas era chamado de Zóli porque ele não conseguia falar o próprio nome e então ficou o apelido. Ele conta os momentos após o acidente, a gritaria, o desespero, o estado dele entrando na ambulância, o médico examinando seu braço. No final Zóli fala que vai se mudar para uma cidade, pois lá tinha uma clínica de reabilitação. Ele diz que ele teria novos ares, que seria bom um lugar novo, pois também os colegas de aula já o estavam tratando diferente e ele notava isso.

No capítulo 3 Zóli relata a primeira vez que foi à clínica de reabilitação, e também a primeira vez que viu Bibiana na clínica. Ele a achou uma garota estranha porque ela veio conversando e puxando amizade já de imediato. Depois, o menino relata o primeiro dia de sua fisioterapia, houve um momento em que a médica perguntava o que ele queria e ele pensa em ter o braço de novo e que não queria ser um aleijado. Mais para o final, depois da fisioterapia, Zóli fala que lá ninguém sabe como ele é e nem o incomodam por causa do braço. No final do capítulo, Bibiana convida Zóli a conhecer a turma Ímpar, mas ele recusa. Zóli vai, então, para sua nova escola, fala que todos fizeram que não olharam o braço dele. Ocorreu um estranhamento dos colegas, uns disfarçavam e outros olhavam para o braço dele com curiosidade. No recreio os colegas começaram a perguntar o que tinha acontecido com ele, se doeu e tantas perguntas o deixaram incomodado. Depois ele vai para a clínica novamente e encontra Bibiana com quem discute, pois ele não sabe que ela é ímpar e diz que ela é mimada e não sabe como é não ter um braço. Irritada, Bibiana sai da sala de espera da clínica e Zóli percebe que ela é uma ímpar, Bibiana tem um problema motor e Zóli viu isso enquanto ela caminhava com dificuldade até a saída. Nesse momento, Zóli se sente mal por ter sido tão mau com ela. Na saída ele avista Bibiana jogando vôlei com a galera ímpar e se divertindo na maneira deles, mas Zóli vai embora sem falar com eles.

No capítulo 5, o protagonista fala do ambiente familiar depois do acidente, que tudo mudou e que os pais não brincavam mais, não namoravam mais, não havia mais carinho entre eles, havia um clima tenso de brigas a mãe se sentia culpada pelo que aconteceu com o filho. O menino vai para a escola novamente e lá chega Bibiana para visitá-lo, já que estava por perto e Zóli se irrita porque em todo lugar ela o persegue. A menina novamente pede pra ele conhecer a turma ímpar, mas ele não quer. Bibiana fala de Tula, a menina que é cadeirante e Zóli diz que não conhece todos os aleijados da escola, o que deixa Bibiana muito brava, mas ela releva porque Zóli é novo nessa história ímpar.

No capítulo seguinte, Zóli sonha que está se divertindo com os pais, mas acorda e percebe que foi só um sonho e fica triste pensando que nada será igual como antes. Ele decide pedir desculpas a Bibiana por tê-la tratado mal e acaba encontrando a turma ímpar na praça do lado da clínica. Ele pede desculpas e é apresentado a todos. Bibiana não quer as desculpas, mas que ele vá a um lugar com eles para ajudar Tula, então Zóli empurra a cadeira até a frente da clínica e Bibiana pergunta a mãe de Zóli se ele pode sair com a

turma e ela autoriza e ainda pergunta se pode levá-los, mas Bibiana diz que não. Eles vão de ônibus, cada um foi se ajeitando: Tula subiu pela plataforma e o restante foi subindo. Bibiana ajudou Máqui, o menino que não enxergava direito, a subir, as pessoas ficavam olhando, uma pessoa tentou ajudar Zóli, mas Bibiana não deixou. Foi então que a turma gritou a regra número um da turma ímpar: “A gente se vira!”. Nesse momento, Bibiana diz que a turma vai ao cinema, mas em um que ainda não estava adaptado para deficientes, e que eles iriam fazer uma ação no local. Lá começa uma discussão porque Tula não poderia entrar, já que não poderia passar pela porta de entrada. Mas acabou que o gerente abriu bem a porta e levou a menina até a parte de dentro e os ímpares puderam entrar mesmo com os olhares de reprovação de alguns que estavam na fila, enquanto outros batiam palmas. No final do filme, quando saíram, o gerente falou que poderiam voltar quando quisessem.

A turma, em outro momento, vai a um MacDonald's para fazer um lanche e Bibiana fala que eles já haviam feito uma ação lá e que tudo tinha mudado, que agora havia banheiros adaptados, um elevador, etc. Informou que já havia gente ímpar trabalhando no local. É quando Zóli pergunta o que era essa história de ímpar e Bibiana explica que eles eram ímpares porque faltava alguma coisa neles e que os pares tinham tudo, dois braços, duas pernas... então eram chamados de pares pela turma. Na próxima sequência, Zóli vai a uma festa onde conhece uma menina, Lisa, por quem fica apaixonado, esse é o seu primeiro amor. Nesse capítulo a galera ímpar fala que era difícil ficar com as pessoas pares porque elas queriam namorar os pares. O que chama a atenção também é o momento em que dois garotos obesos pedem a Bibiana para entrar para a turma ímpar, mas ela diz que não, pois eles eram só gordos e que não faltava nada neles. Então, Zóli para e reflete que pessoas não ímpares poderiam também se sentir diferentes dos outros.

No capítulo 9, Zóli relata que procura se reaproximar da família, fazer alguma coisa legal com eles e resolve fazer um café para os pais, pois desde o acidente não faziam algo diferente, não se divertiam. Para o protagonista foi o melhor dia depois do acidente e, para completar vai ao cinema com Bibiana. Ao final do dia, antes de se deitar Zóli, vê na internet que Tula, a menina cadeirante, havia mandado um e-mail com um poema em que ela falava sobre como era ser ímpar. As palavras tocam o menino e ele pensa em como ela conseguia escrever coisas tão bonitas e em como o que ela acabou escrevendo o que ele realmente sentia como ímpar. Apaixonado, nos dias seguintes, Zóli conta a Máqui que gostava de Lisa, mas ela era uma “supergarota”, a mais popular da escola e que nunca iria gostar de um ímpar. Ele ouve do amigo que Bibiana intenciona fazer uma nova ação que

envolveria Tula, mas o garoto não conta ainda o que iriam fazer. Ela ocorre, então, em um salão de beleza onde a mãe de Tula estava. Bibiana queria que a mãe desse atenção à filha, pois nunca tinha tempo para a menina. O resultado é positivo e a mãe da menina acaba entendendo que ela queria atenção e sair mais. Depois de tudo as duas vão a casa de Bibiana e lhe agradecem por ter ajudado na aproximação entre elas.

Começa, então, a tentativa de Zóli de fazer com um braço só o esporte que ele praticava quando tinha os dois, o basquete. Ele tenta várias vezes e, quando estava quase desistindo, consegue acertar e percebe que ainda poderia fazer tudo o que fazia antes do acidente. Então, se inscreve no torneio de tênis da escola, mas o treinador não queria colocá-lo na equipe por causa da sua deficiência. O menino fica furioso e vai falar sozinho com o diretor, mas seus pais já estavam lá para ajudá-lo. Zóli consegue fazer o teste e entra para o time. Ao participar do torneio, o narrador nos conta as dificuldades de jogar com um braço só e como ele ultrapassou os obstáculos e jogou muito bem. A escola havia ganhado e Zóli ficou muito feliz. Na festa de comemoração, Zóli estava para receber o primeiro beijo de Lisa, mas percebe que não gosta dela e que eles não dariam certo, um par e um Ímpar, e que ali não era o lugar dele. Zóli corre para a casa de Bibiana e ali acontece o primeiro beijo.

A seguir, o narrador conta a conversa que teve com a mãe, quando pede para ela não se sentir culpada pelo acidente e que poderia ter acontecido coisa pior com eles, poderiam até ter morrido. Zóli fala pra ela começar a fazer de novo o doutorado, porque ele não precisava tanto do braço mas que precisava muito dela. Chegamos, então, ao final da narrativa, quando o menino informa os desdobramentos na vida de cada parceiro de grupo: Bibiana iria operar a perna e talvez virasse par, Tula estava muito bem com a mãe, Máqui já não enchergava mais de um olho, mas não se importava porque já estava acostumado a ser ímpar e, finalmente, a volta à harmonia na família de Zóli. No final ele nos relata que havia ganhado uma prótese de um braço e que gostava muito da situação, pois se achava o próprio Capitão Gancho.

Como foi possível perceber pelo resumo do enredo acima apresentado, Zoli é o protagonista, porque a história gira em torno dele, ou seja, é a partir dele que se constrói toda a história. Depois, existem duas categorias de personagens: os amigos e a família. Dentro do grupo dos amigos se destaca Bibiana, que têm uma deficiência na perna e anda com dificuldade. Ela é uma menina extrovertida, brincalhona e sempre tenta ajudar as pessoas e fazer amizades. Há outros amigos, como Tula, que é cadeirante, Máqui, que não

enxerga, Dica, que não ouve direito e Pê, que tem um problema no pé. No grupo familiar, temos o pai de Zóli, José Pedro, e a mãe, Ieda, que não falam muito com filho, principalmente depois do acidente. São personagens que acabam acompanhando o desenrolar das experiências de Zóli. Além disso, há personagens que ajudam a compor a sociedade: as pessoas no cinema, na lanchonete, os colegas de classe, a professora, os meninos gordos, a outra menina que queria entrar no grupo, a mãe da Tula, a mãe da Bibiana, as pessoas no salão de beleza, etc. Todos eles ajudam a compor o painel de sujeitos que transitam na história de Zóli e que representam um pouquinho a sociedade em que vive.

Os espaços principais da ação narrativa são: a casa de Zóli que é um espaço de isolamento e tristeza, onde ele pensa na vida. Porém, durante a narrativa esse ambiente vai mudando e ganhando mais vida enquanto a família vai se adaptando à nova condição do menino. Há também a clínica onde Zóli conhece os amigos e se redescobre, onde há a diversidade e os ímpares se encontram. Lá Zóli entende como é ter deficiência e que isso não é tão ruim.

Ímpar é uma narrativa em primeira pessoa e isso produz um efeito sobre quem lê porque através de Zóli as pessoas se sentem mais próximas dessa realidade apresentada na obra, afinal, quantas pessoas podem estar de certa forma na mesma situação de Zóli ou semelhante? Estruturalmente, é composta de 18 capítulos não numerados, que são curtos. As ilustrações compõem juntamente com o texto a ideia de inclusão, pois elas trazem crianças diferentes e uma cadeirante com um livro gigante nas mãos, destacando assim a galera “ímpar”. As ilustrações são como se fossem histórias em quadrinhos. A linguagem é acessível para crianças e jovens pelo fato de a mesma ser simples e utilizar meios que se aproximam do público a que foi destinado o livro.

A inclusão está presente na obra, primeiramente, pelo tema central que é a inclusão do protagonista, que é deficiente. Também há diferentes personagens com vários tipos de deficiência que se aproximam, como Tula, que é cadeirante, Bibiana que tem problema na perna, Máqui que é cego, Dica que é surda, Pê, que tem um problema no pé e Zóli, nosso protagonista, que não tem um braço, essa turma vivem dramas diferentes tanto com dificuldade de locomoção como no ambiente familiar e social. Eles investem, cobram acessibilidade como nesse trecho:

-Porque tem que ser nesse cinema, que ainda não se adaptou. Tem essa lei na cidade, que as pessoas tem que ter direito igual de chegar ao cinema. Tem que ter

rampa, porta especial, banheiro pra todo mundo, com espaço pra cadeira de rodas. Esse cinema ainda não fez nada. (CUNHA, 2004, 39)

A turma ímpar cobra igualdade, cobra o direito de ir a qualquer lugar sem problema, Bibiana e a turma iam atrás dos direitos, do respeito das pessoas, porque eles podem se virar como qualquer pessoa, buscam se fortalecer nas suas diferenças e merecem viver plenamente todas as experiências da vida, como o primeiro amor de Zóli, que se apaixona por uma garota par e se questiona se é possível alguém ímpar ficar com alguém par. Eles também podem praticar esportes, como num dos últimos capítulos que ele participa de um torneio de tênis, passando assim por uma grande superação. Também há uma busca de aceitação na família, a mãe se sentia culpada pelo acidente, o pai também não sabia o que fazer diante da nova condição do filho, ele é um pai inicialmente alheio ao filho, principalmente por trabalhar muito.

O protagonista, Zóli, tinha preconceito em relação a si, ele não se aceitava como deficiente e que isso não era algo ruim. Em um trecho ele fala “Como eu me sentia? O que eu queria? Que droga de pergunta era aquela? Eu queria meu braço de novo, era isso que eu queria. Não queria ser um aleijado, que tal isso?” (CUNHA, 2004, p. 17) Ele tem preconceito com sua condição de deficiente, ele acha que é um aleijado que não pode fazer mais nada porque perdeu o braço, mas durante a narrativa esse preconceito consigo mesmo vai mudando e entra em cena a sua própria aceitação como pessoa com deficiência e que isso não era ruim, pois ele não era incapaz de fazer as coisas que mais gostava. Ele prova isso participando de um torneio de tênis e se supera durante a obra. Bibiana também tem muita importância, pois mostra que é importante às pessoas com deficiência procurarem mudanças para adaptar os espaços para eles, buscar seu direito de ir e vir com segurança, direito de trabalhar, de estudar e de ter uma vida minimamente normal. Num trecho Bibiana fala:

- O pessoal desses ônibus sempre é legal. Só que a gente precisa de muitos mais ônibus assim. Senão a gente tem que ficar em casa. Quero dizer, nem todo mundo, mas a Tula precisa. Esse ônibus também baixa a frente pra pessoas entrarem, quem tem dificuldade pra caminhar. (CUNHA, 2004, p.39)

Bibiana tem papel importante na obra, ela passa a ideia de que as pessoas com deficiências têm que buscar seus direitos e fazer pressão por mudanças e que há muito por fazer para que as pessoas com deficiência tenham uma verdadeira inclusão na sociedade.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na literatura, trazer informações sobre inclusão é de suma importância, principalmente porque ultimamente as obras infanto-juvenis têm muito alcance e muito se tem produzido para esse público. Cada vez mais jovens estão lendo esse tipo de literatura, há interesse dos mesmos por algo que se aproxime de sua realidade, do dia a dia, de coisas que eles vivem e estão passando. A literatura veio para levar informação e caminhos para os jovens conhecerem assuntos que até pouco tempo era difícil de levar até eles. O assunto inclusão é importante para as crianças e jovens desde cedo aprender a disseminar o respeito, não discriminar alguém por sua condição física.

A literatura infanto-juvenil é primordial para a formação dos jovens, a leitura desperta bem cedo o senso crítico, ajuda no aprendizado e desenvolvimento, pois é nessa época que eles adquirem os próprios pensamentos críticos, opiniões e absorvem com maior facilidade os diversos assuntos que os rodeiam, e que maneira é melhor para instruí-los do que através da literatura infanto-juvenil que está mais próximo deles e que eles podem fazer uso de suas informações? Há tempos atrás as pessoas com algum tipo de deficiência eram vistas como incapazes, não saíam de casa ou iam para hospícios, nas guerras quando as crianças nasciam olhavam se tinham alguma deficiência, se as tivessem ou eram fracos, eram jogados fora para morrer. Com o tempo mudanças foram ocorrendo e essas pessoas foram se incluindo na sociedade, mas ainda com dificuldade, ainda há muito por fazer quando se fala em inclusão e por isso é tão importante falar sobre ela, sua trajetória, suas dificuldades para que uma pessoa seja realmente incluída, que possa estudar, trabalhar e fazer coisas que pessoas “normais” fazem. As pessoas com deficiência ultrapassaram dificuldades, obstáculos, buscam seus direitos para serem incluídas, é importante falarmos de inclusão porque há tanto tempo essas pessoas buscam igualdade, respeito, não querem ser vistas como coitadas. No entanto o mais importante é que a sociedade mude para incluir todos.

A obra de Marcelo Carneiro da Cunha, *Ímpar* pode ser um caminho para levar um pouco do que é a inclusão às crianças e adolescentes que tem ou não alguma deficiência e, através dela, refletir sobre igualdade e respeito ao próximo, tanto na escola como em outros ambientes em que se encontrem. Ao analisar a obra, constatei que o foco narrativo

tem um efeito muito importante, pois é o próprio deficiente que conta sua história e faz com que o leitor se aproxime bem mais da narrativa, da história, trazendo para si a realidade representada na obra e se identificando com ela. A obra também mostra a importância do outro, da turma, da Bibiana que também é uma personagem importante para que Zóli superasse as barreiras e soubesse como lidar com a nova condição de deficiente.

Constatei também que é necessária a adaptação para receber ou lidar com as pessoas com deficiência e o livro mostra isso quando a turma vai fazer uma nova ação em um cinema onde ainda não havia adaptação e mobilidade para os deficientes e então a turma cobra essa adaptação, Bibiana fala de outros lugares que a turma foi fazer uma ação e que muita coisa mudou, mas ainda é necessário mais mudanças. E ainda há a importância da aceitação da deficiência começando pela família e pelo próprio Zóli, pois ele tinha preconceito consigo mesmo, não se aceitava inicialmente como deficiente, ele achava que deficiente era aleijado, mas ao decorrer da obra Zóli vai se aceitando e descobre que não é ruim ser diferente. Também é importante destacar as ilustrações do livro que trás a representação de diversas deficiências e isso é interessante para que o leitor tenha informação da diversidade de deficiências que existem, pois torna as deficiências mais familiares e diminui também o preconceito por não conhecer a deficiências.

Esta obra dialoga com o que diz Candido (2006) que a literatura é um produto social, pois o que está representado na obra dialoga com o mundo social fora dela.. Também dialoga com Culler (1990) e Reis (1996), pois são utilizados pedaços da realidade na obra e o leitor acaba reconhecendo a realidade que está nela, mesmo que essa realidade seja ficcional ela dialoga com o mundo real em que o leitor está inserido.

É importante também ressaltar a importância do tema inclusão, apesar de ser um tema recente na literatura, é importante que ele esteja representado, pois como fala Werneck, a literatura é um caminho para informar sobre as diversas deficiências que existem. É preciso que essas deficiências não fiquem desconhecidas e que as pessoas possam interagir e lidar com as pessoas com deficiência.

De uns anos para cá, vem se falando de inclusão. Tendo uma conversa com uma pessoa que tem deficiência, a mesma me disse que ainda há mais coisas para mudar no âmbito da inclusão. Ela se sente incluída, mas o que encontra ainda é preconceito com os deficientes, talvez por desconhecimento da deficiência que tinha. . A obra que foi analisada faz parte de um acervo considerável de obras que tratam do tema inclusão, mas ele pode

ser ampliado. Como vimos, trouxe outras obras que tratam do tema, mas de maneiras diferentes e para diferentes faixas etárias. Acredito que esse acervo tende a aumentar e é interessante que cresça para mais pessoas entenderem e terem informação sobre esse tema tão importante.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Telma Guimarães Castro. **Conquista Esporte Clube**. São Paulo: Editora do Brasil, 2009.
- BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm Acesso em 27 de novembro de 2019.
- BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNC_C_20dez_site.pdf. Acesso em 27 de novembro de 2019.
- CANDIDO, Antonio. A literatura e a vida social. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006, p. 21-43.
- CULLER, Jonatan. O que é literatura e tem ela importância?. **Teoria Literária: Uma Introdução**. São Paulo: Beca Produções Culturais Ltda, 1999, p.26-47.
- CUNHA, Antônio Eugênio. **Representações sociais de professores acerca da inclusão escolar: Elementos para uma discussão das práticas de ensino**. Grupo de trabalho – Diversidade e inclusão, 2015.
- CUNHA, Marcelo Carneiro da. **Ímpar**. Porto Alegre: Editora Projeto, 2007
- CHARAN FILHO, Markiano. **Rodrigo enxerga tudo**. São Paulo: ed. Nova Alexandria, 2006.
- CONFESSOR, Rosinete de Sales Gomes. **A literatura infantil como recurso de inclusão social nas escolas**. Revista Anais III – CINTED (Congresso Internacional de Educação Inclusiva). Disponível em https://editorarealize.com.br/revistas/cintedi/trabalhos/TRABALHO_EV060_MD1_SA15_ID_3620_23102016235358.pdf . Acesso em 05 de junho de 2019
- CARRASCO, Walcyr. **Daniel no mundo do silêncio**. São Paulo: Editora Ática, 2011.
- Cresce o número de pessoas com deficiência no mercado de trabalho formal. **Governo do Brasil**, 27 de setembro de 2016. Economia e Emprego. Disponível em:

<http://www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2016/09/cresce-numero-de-pessoas-com-deficiencia-no-mercado-de-trabalho-formal> Acesso em 18 de junho de 2019.

FURTADO, Maria Cristina. **A Fábrica Mágica**. São Paulo: Editora do Brasil, 2010

FURTADO, Maria Cristina. **Flor de maio**. São Paulo: Editora do Brasil, 2008.

FARIA, Marina Dias de. CASSOTTI, Leticia Moreira. **Representações e estereótipos das pessoas com deficiência como consumidoras: O drama dos personagens com deficiência em telenovelas brasileiras**. Capítulo 2, Revista O&S, 2014.

GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. São Paulo: Ática, 2006.

GOMES, Claudia. Luis, Fernando Gonzalez Rey. **Inclusão Escolar Representações Compartilhadas de Profissionais da Educação acerca da Inclusão Escolar**. Artigo - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2007.

GUERREIRO, Emanuel. **O conceito de representação: Literatura, Religião e Cinema**. Disponível

em: https://www.academia.edu/18294053/O_conceito_de_Representa%C3%A7%C3%A3o_-_Literatura_Religi%C3%A3o_e_Cinema Acesso em: 18 de junho de 2019.

HESELL, Carolina; Rosa, Fabiano. **Cinderela Surda**. Canoas: ULBRA, 2018.

HESELL, Carolina; Rosa, Fabiano. **Rapunzel Surda**. Canoas: ULBRA, 2004.

Inclusão profissional traz motivação e desafios para pessoas com deficiência. **G1**, 31 de Jan. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/especial-publicitario/em-movimento/ccr/noticia/inclusao-profissional-traz-motivacao-e-desafios-para-pessoas-com-deficiencia.ghtml> Acesso em 18 de junho de 2019

KARNOPP, Lodenir; ROSA, Fabiano. **O patinho surdo**. Canoas: Ulbra, 2005.

KOMMERS, Sheila Stock. **Literatura infanto-juvenil: Uma possibilidade para dissolver preconceito**. Monografia (Licenciatura em Letras) – Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUI), IJUÍ, 2011. Disponível em: <http://bibliodigital.unijui.edu.br:8080/xmlui/handle/123456789/766>. Acesso em 05 de junho de 2019

LONDERO, Magme Medeiros da costa. **As estórias infantis como contexto de estudo da exclusão/inclusão**. Orientadora: Professora Rute Vivian Angelo Baquero. 2008. 106 p. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Educação) – Universidade do Rio dos Sinos – MINTER URISAN, Campus São Lourenço, São Lourenço, 2008. Disponível em: https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=2ahUKEwjh94rewtPiAhXflbkGHXLKBu8QFjAAegQIARAC&url=http%3A%2F%2Fbiblioteca.asav.org.br%2Fvinculos%2Ftede%2FLonderoMagmeCMdaCostaEducacao.pdf&usq=AOvVaw2O2_uEM2_WomFee4_PFGyFw. Acesso em 05 de junho de 2019

MARIA, Idalgo Regallo. Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE. **Literatura Infantil: uma possibilidade de inclusão**. Volume 1, 2013.

MARGARETE, Adil Kitahara Visentini. CUSTÓDIO, Eda Marconi. **A inclusão e as representações sociais dos professores: Uma revisão da literatura**. Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), São Bernardo do Campo\SP, 2017.

MAGNABOSCO, Monalise de Bem. SOUZA, Leonardo Lemos de. **Educação Inclusiva e as representações dos estudantes.** Psicologia Escolar e Educacional, SP. Volume 22, Número 1, 2018.

MACHADO, Carla Silva. **Nem belo nem feio, apenas diferente: Literatura Infantil e Diversidade.** Orientadora: Professora Doutora Luciana Pacheco Marques. 2005. 102 p. Dissertação de mestrado (Pós – Graduação em Educação), Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2005. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwiM-uWHw9PiAhX2CrkGHXHGC-EQFjAAegQIAxAC&url=http%3A%2F%2Fwww.ufjf.br%2Fppge%2Ffiles%2F2010%2F07%2F24-11-05-Carla-Silva-Machado.pdf&usq=AOvVaw1aOlrcLW7qQmTjoAYSwyCZ> Acesso em 05 de junho de 2019

SANTOS, Jorge Fernando. **As cores no mundo de Lúcia.** Ed. Paulus editora, 2010.

SOUZA, Mauricio de. Dorinha, a nova amiguinha. Disponível em: <http://turmadamonica.uol.com.br/dorinhaanovaamiguinha/> Acesso em 27 de novembro de 2019.

SOUZA, Mauricio de. **Um menino sobre rodas.** <http://turmadamonica.uol.com.br/ummeninosobreros/> Acesso em 27 de novembro de 2019.

VIEGAS, Anderson. Cresce o acesso da pessoa com deficiência ao ensino superior no país. **G1**, Mato Grosso do Sul, 10 de junho de 2016. Disponível em:

<http://g1.globo.com/mato-grosso-do-sul/noticia/2016/06/cresce-o-acesso-da-pessoa-com-deficiencia-ao-ensino-superior-no-pais.html> Acesso em 18 de junho de 2019.

WERNECK, Cláudia. **Ninguém vai ser bonzinho na sociedade inclusiva.** 3ª edição, Rio de Janeiro: WVA, 2007, p.21 -50.